

**ARTIGO**DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i31.4671>**PARENTESCO, ORALIDADE E APRENDIZAGEM ENTRE VENDEDORES DE FOLHAS NA FEIRA DE SÃO JOAQUIM (SALVADOR)****KINSHIP, ORALITY AND LEARNING PROCESSES AMONG LEAF VENDORS IN FEIRA DE SÃO JOAQUIM (SALVADOR)****PARENTESCO, ORALIDAD Y APRENDIZAJE ENTRE VENDEDORES DE HOJAS EN LA FEIRA DE SÃO JOAQUIM (SALVADOR)***Orlando José Ribeiro de Oliveira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

*Marília Flores Seixas de Oliveira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

**Resumo:** A Feira de São Joaquim (Salvador/BA) centraliza o mercado e a distribuição de plantas, aqui chamadas folhas, a que são atribuídas eficácias mágico-religiosa e terapêutica, desempenhando papel central em rituais e práticas da religiosidade afro-brasileira, notadamente no *candomblé*. Produzidas e comercializadas por extrativistas (majoritariamente mulheres), horticultores e raizeiros, tais folhas são negociadas em grandes quantidades e variedades diretamente por quem as produz, num local da feira chamado Pedra, em transações mercantis que ocorrem durante poucas horas na madrugada, fazendo circular grandes quantidades de folha no mercado regional. As folhas resultantes de coleta (extrativismo) são produzidas hegemonicamente por mulheres, que as colhem em áreas naturais e manchas florestais remanescentes no entorno de Salvador e interior do Estado, as organizam em grandes fardos, as levam ao mercado, onde as vendem diretamente aos consumidores. Nessas atividades, é comum a participação de familiares, sobretudo crianças e adolescentes, que as acompanham em todas as etapas produtivas, o que envolve processos de aprendizagem que se baseiam em transmissão intergeracional e oral do conhecimento étnico-referenciado sobre as plantas e seus usos e abrangem aspectos da sociabilidade na feira. Este artigo decorre de pesquisa de campo e observa, dentre outros elementos, a proeminência das relações de parentesco entre os agentes sociais da produção e circulação e aspectos que permitem aproximações com o contexto dos mercados africanos tradicionais.

**Palavras chave:** Aprendizagem. Tradição oral. Plantas rituais.

**Abstract:** The Feira de São Joaquim (Salvador/BA) centralizes the market and distribution of plants, referred to as ‘leaves’, believed to withhold magical-religious and therapeutic effectiveness, which fulfill a central role in rituals and other practices of African-Brazilian religiousness, notably in *candomblé*. Produced and commercialized by foragers (mainly women), horticulturalists, and root farmers, such leaves are dealt in great quantities and varieties directly by their producers, with the trades taking place at a spot in the Feira called Pedra and during a short window of time at dawn, resulting in the circulation of great quantities of leaves in the regional market. The leaves that are

obtained from foraging are produced mainly by women, who forage them in natural areas in the remaining native woodlands in the surroundings of Salvador and the inner state, then organize them in large bundles, then bring them to the market, where they're sold directly to consumers. It is a common practice for family members to participate in these activities, predominantly children and teenagers, who usually accompany these women in each stage of production. Such practice involves learning processes grounded in the intergenerational oral transmission of ethnical-referenced knowledge regarding the plants and their usage, and this encompasses sociability aspects within the Feira. This paper is the result of a field research and remarks, amongst other elements, the prominence of the kinship between the social agents of production and circulation, and aspects that allow for approximations with the context of traditional African markets

**Keywords:** Learning processes. Oral tradition. Ritualistic plants.

**Resumen:** La Feira de São Joaquim (Salvador / BA) centraliza el mercado y la distribución de plantas, aquí llamadas “hojas”, a las que se les atribuye eficacia mágico-religiosa y terapéutica, que cumplen un papel central en rituales y otras prácticas de la religiosidad afro-brasileña, notadamente en el candomblé. Producidas y comercializadas por extractivistas (mayoritariamente mujeres), horticultores y raizeros, estas hojas se negocian en grandes cantidades y variedades directamente por quien las produce, en un local de la feria llamado Pedra, en transacciones mercantiles que ocurren durante pocas horas en la madrugada, haciendo circular grandes cantidades de hoja en el mercado regional. Las hojas resultantes de colecta (extractivismo) son producidas hegemónicamente por mujeres, que las cosechan en áreas naturales y manchas forestales remanentes en el entorno de Salvador e interior del Estado, las organizan en grandes fardos, las llevan al mercado, donde las venden directamente a los consumidores. En estas actividades, es común la participación de familiares, sobre todo niños y adolescentes, que las acompañan en todas las etapas productivas, lo que implica procesos de aprendizaje que se basan en la transmisión intergeneracional y oral del conocimiento étnico-referenciado sobre las plantas y sus usos y abarca aspectos de la sociabilidad en la feria. Este texto deriva de investigación de campo y observa, entre otros elementos, la prominencia de las relaciones de parentesco entre los agentes sociales de la producción y circulación y aspectos que permiten aproximaciones con el contexto de los mercados africanos tradicionales.

**Palabras clave:** Procesos de aprendizaje. Tradición oral. Plantas rituales.

Na Feira de São Joaquim, em Salvador (BA), ocorre, entre as 4:00 h da madrugada e as 7:00 h da manhã, com a frequência de três vezes por semana (às segundas, quartas e sextas-feiras), uma grande negociação de folhas rituais/medicinas, que as distribui e as fazem circular para outros mercados, feiras, bancas e barracas dispersos por todo o sítio urbano. É o chamado “Mercado da Pedra” ou simplesmente “Pedra”, denominação que se dá às transações de compra e venda de plantas rituais/medicinais, amplamente consumidas por fiéis do candomblé e de outras religiões afro-brasileiras. O nome Pedra, pelo qual esta atividade comercial tornou-se conhecida por seus usuários e participantes, decorre da circunstância em que estas mercadorias (trazidas por coletores/extrativistas de matas remanescentes da cidade e de seu entorno e por pequenos produtores agrícolas) são expostas diretamente na pedra do calçamento ou no chão do local, sem mediação de qualquer tipo de equipamento ou

mobiliário. Para compreender os processos desta atividade, foi desenvolvida pesquisa de campo no local entre 2012 e 2015<sup>1</sup>, tendo como interlocutores os agentes sociais envolvidos na produção, na distribuição, na circulação e no consumo das folhas, apoiada sobretudo no registro etnográfico, na observação direta e em entrevistas. Este artigo apresenta resultados da pesquisa referentes à dimensão educativa e aborda aspectos relativos aos processos de aprendizagem que ocorrem entre os grupos de coletores/vendedores de folhas (aqui chamados mateiros) na esfera familiar e intergeracional, destacando a oralidade e a experiência concreta, em presença, como elementos fundamentais à transmissão dos conhecimentos necessários às atividades.

Neste mercado de folhas há basicamente duas categorias de plantas de amplo uso ritual e terapêutico, denominadas pelos agentes sociais desse mercado<sup>2</sup> como *a*) folhas “grossas” - que são as espécies de plantas nativas, não cultivadas, extraídas/coletadas no “mato” por indivíduos (mateiros) que detêm grande conhecimento relacionado às espécies utilizadas e a seus processos de extração e uso - e *b*) folhas “frias/cheirosas”, sendo estas as plantas cultivadas por horticultores em quintais domiciliares e pequenas hortas. Se, por um lado, estas diferentes categorias de folhas implicam processos de produção específicos (extração/coleta ou horticultura), por outro, ambas têm uma ampla utilização mágico-religiosa e medicinal. Para a perspectiva deste texto, a análise volta-se apenas aos produtores/vendedores de folhas “grossas” (colhidas/extraídas em áreas verdes remanescentes), constituídos majoritariamente por mulheres (87%), negras, que residem em bairros da periferia ou da região metropolitana de Salvador e que desenvolvem suas atividades produtivas constantemente acompanhadas por crianças e adolescentes da família (filhos/as, sobrinho/as, neto/as etc.).

A atividade no Mercado da Pedra se inicia por volta das 3:30h da madrugada, quando começam a chegar os fornecedores/produtores de folha, vindos de bairros periféricos da cidade de Salvador (Cabrito, Palestina, São Cristóvão, Sete de Abril, Estrada Velha do Aeroporto etc.) e de localidades da Região Metropolitana de Salvador, como Camaçari (Arembepe, Abrantes, Jauá), Lauro de Freitas (Areia Branca, Itinga), Simões Filho (Mapele, Cotegipe, Tiro Seguro), Dias D'Ávila, dentre outras, quase sempre de transporte coletivo urbano, trazendo seus grandes e pesados fardos de folhas para serem comercializados. Entre

<sup>1</sup> A pesquisa estava vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (PPGCS/UFBA) e ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DFCH/UESB).

<sup>2</sup> Esses agentes sociais são os produtores-vendedores das folhas (mateiros e horticultores); os consumidores: os compradores de folhas em que se incluem comerciantes/barraqueiros/ambulantes e consumidores finais – povo-de-santo, devotos, populares e os carregadores e os fretistas, prestadores de serviço que distribuem e transportam as mercadorias para os seus destinos, tanto na própria Feira quanto na cidade e entorno.

as mercadorias, predominam as folhas “grossas”: a quantidade de fardos dessas folhas suplanta a de folhas “cheirosas” dos horticultores. Os vendedores, como já foi dito, são os próprios produtores diretos das folhas: tantos os mateiros, que se ocupam da atividade extrativista de plantas nativas (folhas “grossas”), quanto os horticultores, pequenos agricultores que cultivam plantas delicadas (folhas “frias/cheirosas”), estão presentes no mercado para negociar e vender suas folhas, sem intermediação de outros agentes ou atravessadores. Para estarem tão cedo na Feira, com seus imensos fardos de folhas coletadas na véspera, a jornada de trabalho destes mateiros se inicia bem antes, por volta das 2:00 h, 2:30 h da madrugada, porque precisam estar prontos nos locais em que passam os ônibus do transporte público urbano, já que há linhas específicas que transportam os fardos de folha. Assim, é necessário que levem os fardos com as folhas até o ponto de ônibus, antes das 3:00 h da manhã, como relata a mateira D., de Simões Filho<sup>3</sup>:

[...] venho toda vez no transporte coletivo, tem um ônibus bem cedo da [empresa] Litoral Norte, a gente traz os pacotes das folhas tudo no ônibus. A gente tem que acordar muito cedo... me levanto às duas da madrugada prá estar no ponto antes de três e meia, com as folhas prá pegar a condução prá cá... aí chega aqui lá prá quatro horas, mais ou menos... (D., mateira de Simões Filho, entrevista, 2015).

As mercadorias (folhas) trazidas por elas são, assim, embaladas em grandes fardos que pesam em torno de 40 kg cada um, contendo de 80 a 100 molhos de diversas espécies de folhas, prontos para serem vendidos. Para envolver tamanho volume de folhas, as mateiras<sup>4</sup> reutilizam as embalagens industriais do tipo saco de ráfia, usadas para a comercialização e distribuição de vários produtos como rações, cereais, sementes e grãos. As embalagens vazias, em forma de sacos, são abertas lateralmente, sendo assim utilizadas para envolver os galhos de folha, transformando-se no que as mateiras chamam de “panos”, que são muito disputados para o acondicionamento e transporte das mercadorias vendidas.

No Mercado da Pedra, a hegemonia feminina se evidencia já no cenário, com a presença expressiva de mulheres se impondo em imagem e em som. São dezenas de mulheres negras em sua maioria, que têm nessa ocupação o principal meio de sobrevivência, obtendo no mercado os recursos que sustentam suas famílias. Destacam-se as vozes e as risadas das mulheres na Pedra, mercando suas folhas, conversando animadamente, negociando com os fregueses (e entre si), partilhando brincadeiras e pilhérias com as pessoas conhecidas, amigos,

<sup>3</sup> Foram mantidas apenas as iniciais dos entrevistados, de maneira a garantir o anonimato.

<sup>4</sup> Em alguns momentos do texto, optou-se por utilizar o termo mateiro no feminino, isto é, utilizar o nome “mateira” no feminino para falar de maneira ampla, coletiva, ressaltando-se, assim, o fato de ser a grande maioria dos mateiros composta por mulheres.

familiares, colegas, fregueses. Além de haver também um grande número de crianças, que acompanham suas mães, tias, irmãs e avós, são muitas adolescentes e jovens de bairros periféricos e suburbanos, embora haja um número considerável de pessoas adultas e mais idosas. São, no geral, mais de cinquenta mulheres trabalhando no Mercado da Pedra, para onde muitas delas constantemente trazem seus filhos, sobrinhos ou netos. Na Pedra, as mulheres representam 87% dos fornecedores na categoria de mateiros. Incluindo desde crianças a mulheres idosas, com muitos anos de experiência acumulada no trabalho produtivo com as folhas “grossas”, elas representam cerca de 70% do total dos vendedores de folhas, conforme observado na pesquisa de campo.

A ida à Pedra é um evento importante para a vida social, não se restringindo aos aspectos estritamente comerciais e econômicos (que, sem dúvida, são fundamentais, já que a maior parte das mulheres vive da atividade produtiva com as folhas), mas envolve outras esferas das suas vidas sociais, servindo-lhes a Feira de espaço de sociabilidade, de encontros e trocas simbólicas, ocasião e oportunidade para novos contatos, para troca de informação e para afirmação identitária. Tradicionalmente, a feira não é apenas local de compra e venda de produtos, mas é, antes, um espaço público de socialização intensa, de comunicação e de articulação, e, sobretudo, um lugar de reprodução da identidade e da cultura, especialmente daqueles que ali trabalham e atuam.

É perceptível o enorme desconforto a que os fornecedores – e sobretudo as mateiras, com suas crianças a tiracolo – estão submetidos durante a jornada do trabalho de comercialização. Há uma grande exigência de esforço físico no trabalho dessas pessoas, que não dispõem de nenhum equipamento de suporte à atividade (não há tabuleiros ou bancas e barracas), que ocorre em condições extremamente anti-ergonômicas (as mercadorias, expostas no chão, exigem que as pessoas curvem seus corpos para manuseá-las), sem falar do desgaste físico acumulado e resultante das demais (e anteriores) tarefas produtivas, como a coleta, a embalagem, o transporte etc. Ainda que alguns poucos levem banquinhos para sentar, e assim amenizar o cansaço, ao longo da jornada os corpos sentem o desconforto se acumulando e tornam-se recorrentes as queixas de dores nas costas e problemas na coluna. O trabalho, neste sentido, é muito desconfortável, revelando uma estrutura arcaica que submete os trabalhadores a condições de alto grau de precariedade, comprometendo a saúde dos mesmos.

A dinâmica do processo de circulação das mercadorias na Pedra obedece a algumas etapas, não simultâneas a todos, já que não chegam (nem saem) no mesmo horário: (1) chegada e transporte dos fardos de folha até o local de venda na Pedra; (2) abertura dos fardos de folha destinados à venda no local ou organização dos fardos fechados com as entregas já

destinadas para os fregueses que fizeram encomendas; (3) preparação das mercadorias / arrumação dos molhos de folha no chão para a venda; (4) busca de folhas entre os outros mateiros para complementar encomendas incompletas (aqueles que trabalham por encomenda); (5) negociação e venda das folhas nos primeiros horários; (6) negociação e venda das folhas no horário final (xepa, aqui chamada de boia); (7) organização e embalagem das folhas vendidas em fardos para serem transportados pelos carregadores; (8) limpeza da área utilizada para a vendagem das folhas; (9) cobranças e recebimentos de valores devidos. Cada etapa requer conhecimentos e aprendizados próprios, que ocorrem por meio da experiência direta, da vivência familiar e da oralidade.

Há, desta forma, uma racionalidade organizacional no funcionamento do Mercado da Pedra, conhecida e dominada por todos os agentes envolvidos. A organização do processo obedece a certas regras, mais ou menos implícitas, que são por todos conhecidas e que são aprendidas, no caso dos mateiros, pela experiência vivida. Polanyi (2012), ao postular os elementos constitutivos do mercado a partir de determinados traços institucionais, inclui, dentre eles, a existência de costumes ou normas e equivalências que orientam e regulam as transações. Na Pedra, estes processos ancoram-se em esquemas e fluxos organizadores que são praticados por todos no exercício do cotidiano. Conforme Certeau (1994, p.109), “as práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que [...] pode ser designado como o dos *procedimentos*. São esquemas e manipulações técnicas” [grifo do autor].

No Mercado da Pedra, são os próprios produtores-vendedores que constroem os processos organizativos do cotidiano, em contínua interação simbólica e prática, desenvolvida também a partir de uma dimensão técnica. Esta situação aproxima-se da análise de Sato (2007) sobre os processos de organização do trabalho em feira livre:

Parte-se do pressuposto que tais processos [de organização] encontram a sua racionalidade interna e singular nos métodos práticos, criados, apropriados e partilhados pelas pessoas envolvidas, fazendo das feiras livres, no caso, realidades “organizadas”. (SATO, 2007, p. 96).

Ao observador, chama a atenção, por exemplo, a agilidade com que as mateiras vão separando os molhos das diferentes espécies de folhas, numa desenvoltura que associa conhecimento taxonômico vernacular (etnoconhecimento) com habilidade e destreza manual. Demonstram, nestas atividades práticas, que há grande familiaridade com os processos cotidianos de organização de seus trabalhos, dominando desde as necessárias habilidades sociais, técnicas e comunicativas para o desempenho das atividades até as regras de

organização, os processos da comercialização, as variações de preço no mercado, as cotações das folhas – que estabelecem a quantidade de folhas de cada molho, por exemplo. São, assim, práticas cotidianas que se associam a um exercício continuado das experiências vividas na Pedra, pelas quais os sujeitos compartilham saberes e artes de fazer que têm suas especificidades e que se ancoram, fundamentalmente, na prática. Para Certeau (1994, p. 41), a cultura popular formula-se a partir de práticas cotidianas, de “operações multiformes e fragmentárias” que obedecem a regras e a formalidades que organizam suas operações.

[a “cultura popular”] se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma *ratio* “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar. (CERTEAU, 1994, p. 42).

Durante as vendas, percebe-se e se destaca a enorme capacidade de memorização dos vendedores, sob vários aspectos. Quando passa um comprador e declama uma enorme lista de nomes das folhas que quer, solicitando que as separem para ele e, em seguida, passa outro e faz a mesma coisa, sem terem anotado nada das listas dos pedidos, os vendedores realizam, posteriormente, a separação das folhas de cada pedido, sem nada esquecer ou errar. Quando se trata de encomendas para serem entregues em dia futuro, novamente pode se notar a capacidade de memorização, já que muitas anotações só são feitas depois, quando as vendas e as entregas se encerraram. Não são também esquecidos os molhos de folhas que são pegos por um ou outro no decorrer das atividades e, ainda que não sejam feitas anotações, os pagamentos e as cobranças posteriores não deixam de ser feitos. Ao observador, fica a forte impressão de uma imensa capacidade memorialística de cada comerciante. À análise, fica a reflexão sobre o fato de que tais processos mnemônicos são também aprendidos: decorrem de um aprendizado técnico de ordem prática, que se acumula na ação, ao longo do tempo.

A dimensão técnica da atuação dos produtores-vendedores no Mercado da Pedra está relacionada diretamente à realidade socioeconômica dos mesmos e se sustenta no âmbito cultural, étnico e ambiental, ou seja, na estreita interface entre cultura e natureza. É preciso conhecer desde as técnicas de extração das plantas – ou de cultivo das hortas – tanto quanto é necessário dominar as regras de atuação na Pedra, a gramática oculta que a norteia. São conhecimentos de diferentes ordens que envolvem processos de aprendizagem (comunitários e, constantemente, familiares).

Tais processos, que se manifestam no fluxo dos acontecimentos cotidianos desde o início até o final da jornada do Mercado da Pedra, envolvem afazeres práticos (trazer e

descarregar os fardos; organizar os produtos; complementar encomendas; negociar valores; realizar vendas; atrair compradores; fidelizar clientela; lembrar empréstimos e débitos; anotar pedidos e dívidas etc.), além de um acervo simbólico que inclui informações sobre cada uma das folhas e seus usos e conhecimento sobre o próprio sistema do mercado. Por outro lado, esses processos amparam-se numa rede de relações interpessoais em que se misturam as relações de trabalho aos vínculos de amizade, de parentesco ou de vizinhança, e de forma semelhante se desenvolvem os processos (técnicos) de aprendizagem. As relações interpessoais se interpenetram, numa diversidade de vínculos que alcançam esferas distintas das vidas das pessoas.

Assim, quando se trata de planta coletada no “mato”, as chamadas folhas “grossas”, do ponto de vista da produção, o principal agente social é o mateiro, que, como já foi dito, são homens e – sobretudo – mulheres que se ocupam da atividade de coleta de galhos e ramos de determinadas plantas nativas encontráveis em áreas naturais a que eles referem como “mato”.

Os mateiros e as mateiras são geralmente indivíduos pobres, com baixa escolaridade, residentes em bairros periféricos de Salvador e Região Metropolitana, cuja principal fonte de renda é a atividade como coletor/vendedor de folhas “grossas” com as quais abastecem, regularmente, a Feira de São Joaquim. O sustento familiar é obtido a partir da atividade de extração, em que o conhecimento tradicional sobre as espécies de plantas de uso ritual e/ou medicinal (etnoconhecimento), que lhe tem sido transmitido oralmente por sucessivas gerações, é o elemento fundamental que o habilita ao mercado. A mateira D., de Simões Filho, explica, em entrevista, o seu ganho e a posição familiar do seu trabalho, evidenciando também o fato de que a atividade é, sobretudo, uma atividade de mulheres:

Olhe, dá para tirar trezentos, quatrocentos reais por dia, em média, entendeu? É muito trabalho que a gente tem, mas dá prá tirar um sustento. Eu mesmo só trabalho com as folha, meu marido tem emprego de pedreiro, com carteira assinada e tudo, e eu tenho meu dinheirinho das folhas, né? Lá em casa, minhas filhas ajudam nos trabalhos de casa, eu quase não faço muita coisa em casa, né? Também, acordo cedo prá vir prá cá e nos dias de véspera da feira eu ando um bocado no mato prá tirar as folha, carregar os fardos, é duro, viu? Sábado e domingo eu tirei muita folha no mato, cheguei em casa fiz os molhos, separei encomendas prá trazer hoje [segunda-feira] prá feira. E saí tão cedo... quando voltar prá casa, só quero é tomar um banho e dormir, descansar, né? (D., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

Como já foi dito, a maior parte dos mateiros são, de fato, mulheres (87%) e a atividade de coleta apoia-se, sobretudo, em grupos femininos de parentes ou vizinhas, companheiras de coleta e de mercado. Enfrentam muitas dificuldades no trabalho de coleta, a começar pela rotina de extração das folhas, que envolve os deslocamentos para áreas verdes (“mato”), em

localidades extremamente violentas, já que a Região Metropolitana de Salvador, onde vive e trabalha a maior parte destas mateiras, é considerada uma das áreas mais violentas do Estado da Bahia, com alto índice de assassinatos e de desovas de corpos. A mateira H. aborda, claramente, a questão das desovas dos corpos assassinados e dos riscos que correm quando diz: “é muito arriscado, vez em quando a gente encontra um corpo lá. É perigoso, não pode ir sozinha... é muito arriscado” (H., 2014, entrevista). Assim, é sempre necessário ter a companhia de alguém para tais incursões, que podem ser demoradas, a depender da distância dos locais em que se encontram as folhas procuradas. Ela explica:

As folhas são coletadas no mato, na área de Simões Filho mesmo. Lá, mas também em Dias D’Ávila, em Camaçari, às vezes a gente vai longe buscar folhas. Eu venho dias de segunda, quarta e sexta [para a Pedra]. Um dia antes eu faço a coleta das folhas. Pego no mato, levo prá casa, em casa separo, faço os molhos, junto tudo em casa prá trazer prá cá no outro dia. (H., mateira de Mapele, entrevista, 2014).

Às vezes se deslocam para lugares mais distantes, por transporte público, sendo comum que as mateiras se agrupem para essas empreitadas de tirar folhas no mato, num cotidiano cooperado de trabalho, como explicam as mateiras H. e D.:

Não, eu não vou sozinha tirar as folhas. Vou com outras pessoas, outras companheiras, vamos junto. Elas também tiram folhas, aí cada um tira o seu. Geralmente eu vou mais uma colega que é minha prima e mora perto, vamos juntas. Eu tiro as minhas e ela tira as delas. (H., mateira de Mapele, entrevista, 2014).

Na maioria das vezes, vamos juntas, várias colegas que também vende folha, vamos tudo junta, porque a gente anda pelos mato, é perigoso ir sozinha, né? Tem muito vagabundo à toa, então, estando juntas, uma socorre a outra, né? Uma faz companhia prá outra, cada qual tirando suas folhas e cada qual vai juntando pelo caminho e depois vai voltando e carregando tudo até em casa prá separar as encomenda, entendeu? Agora, tem vezes que a gente leva gente de casa, uma filha, um filho, às vezes o marido vai também, quem tiver livre, ajuda. (D., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

O cotidiano se organiza numa série de processos e procedimentos: a coleta propriamente dita; a organização inicial das folhas coletadas em fardos para serem levados aos locais de armazenamento temporário (as próprias residências dos mateiros); a organização das folhas por tipo, por encomenda e destino, isto é, a separação das folhas e a re-embalagem em molhos e fardos padronizados; o carreto até os pontos de transporte público; o descarregamento do ônibus e o carreto dos fardos à Feira; o trabalho no Mercado da Pedra; e, para aquelas que trabalham com encomenda, ainda há a entrega direta dos fardos aos clientes,

que são os comerciantes de folha, em outros locais da cidade. É preciso conhecer as especificidades de cada etapa do processo produtivo e o conhecimento se acumula na prática.

O trabalho dos coletores de folhas “grossas” exige, assim, tempo, conhecimento, dedicação e também muita força física. O mato é agreste, cheio de galhos, machuca, eles precisam ir protegidos, com roupas de manga e calça comprida, em um lugar em que sempre faz muito calor. É cansativo, é um trabalho duro, desde o manuseio e o carreto da grande quantidade de folhas que colhem, até o transporte posterior e a comercialização em pé, abaixando-se e levantando, manuseando peso e castigando o corpo com posturas impactantes.

Nos locais de coleta, as plantas vão sendo extraídas, ajuntadas e deixadas no percurso, e apenas no retorno vão sendo recolhidas, reunidas em grandes fardos, que, por sua vez, serão transportados para as casas das mateiras em várias viagens (carregando-os na cabeça), pois é impossível levá-los de uma só vez. Uma vez em casa, tem início o trabalho de separação e organização dos molhos para a preparação dos fardos que levarão à Pedra.

A gente tem que dar umas três viagens porque a gente traz 3 fardos do mato, cada um com uma quantidade de 100 molhos. Aí, como não se consegue trazer tudo de uma vez, vai trazendo cada um numa viagem. A gente tem que dar três viagens prá trazer tudo (H., mateira de Mapele, entrevista, 2014).

A gente vai juntando e vai deixando na sombra, prá pegar na saída [do mato], prá não ficar carregando tudo prá lá e prá cá, entendeu? Aí, quando já tem uma quantidade boa, que dá prá gente carregar, a gente bota na cabeça e traz prá casa. Que é quando chega em casa que a gente vai separar elas, né? E vai amarrar os molhos prá trazer prá aqui, prá Pedra. (M.C., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

Com relação ao tempo em que trabalham como mateiros e vendendo as folhas no Mercado da Pedra, a maior parte afirmou ter mais de uma década nesta atividade, o que demonstra uma permanência de longo prazo, que compreende também o tempo de aquisição do tipo de conhecimento necessário para a atuação nesta especialidade.

[Trabalho com isso] Há catorze anos. Comecei com a minha mãe, ela sempre me trazia na Feira, quando vinha vender. Eu comecei pequena. A gente morava em Mapele, Simões Filho. Ainda moro lá. (H., mateira de Mapele, entrevista, 2014).

Tem uns dezoito anos já que trabalho com folhas. Sou eu mesma que pego no mato. (“Tia” E., mateira de Dias D'Ávila, entrevista, 2014).

Desta maneira, ressalta-se que dimensões particulares de aprendizagem são fundamentais para que as mateiras possam desenvolver suas atividades de trabalho e implicam o conhecimento acumulado sobre as plantas a serem coletadas, os processos

específicos de coleta de cada uma delas, os locais em que podem ser encontradas, além de informações sobre o uso e as aplicações.

Ao sair de casa para coletar, quase sempre em companhia de colegas ou de familiares (que desde cedo acompanham, ajudam e aprendem), na jornada de trabalho que antecede a ida ao mercado, a mateira vai munida de itens básicos para a tarefa de extração/coleta: o meio de trabalho propriamente dito (algum tipo de instrumento/ferramenta cortante, que pode ser uma faca grande ou um facão), usado para cortar galhos e ramos de árvores e arbustos nativos, além de cordões e/ou cordas para a amarração dos grandes feixes de galhos coletados e, ainda, panos e sacos de ráfia para empacotamento dos galhos em grandes fardos, mais pesados, porém mais fáceis de transportar. Retornam destas jornadas no mato trazendo fardos de folhas que, antes de serem levados ao mercado, serão objeto de outro tipo de trabalho, que envolve a separação por espécie, o reagrupamento em quantidades pré-estabelecidas, além de organização de eventuais encomendas. O trabalho de separação e composição dos molhos é realizado na casa e conta com a ajuda de membros da família, que, assim, continuam aprendendo a identificar as espécies e os usos das plantas coletadas:

[...] eu aprendi [a identificar as espécies de plantas] com minha avó, no tempo que ela ainda vinha vender na Pedra... eu era pequena, mas ajudava ela quando ia fazer os molhos prá trazer no outro dia... ela me ensinava a separar os galhos de cada planta, ensinava o nome e ainda dizia prá que servia, assim, se era prá fazer chá, prá fazer banho, prá pisar e botar no lugar machucado... Eu aprendi com ela e depois eu já ia pro mato também, ajudava minha mãe a tirar folha no mato. (A., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

As áreas de extração/coleta geralmente estão localizadas nas imediações dos locais de residência dos mateiros, que ainda possuem, ao longo de estradas, caminhos e trilhas, algumas manchas remanescentes de florestas<sup>5</sup> que têm resistido à ação antrópica. No entanto, como muitas dessas áreas já apresentam sinais de esgotamento de espécies, não mais dispendo de exemplares das plantas mais procuradas, seja por efeito do desmatamento generalizado decorrente da expansão urbana, seja pela retirada excessiva praticada pelos próprios mateiros, cada vez mais estes têm que fazer longos e demorados deslocamentos em busca de novas áreas para a extração/coleta de plantas, a exemplo da narrativa de Dona A., mateira de Mapele:

[...] às vezes temos que ir mais longe [de casa]... tem que pegar um transporte prá ir até Palmares... – O sr. conhece Palmares? Não? Fica em Camaçari, é distante de onde eu moro, mas tenho que ir até lá, prá encontrar

<sup>5</sup> Outras localidades, como Boca da Mata, Areia Branca, Palmares, são tradicionalmente áreas de extração/coleta de folhas “grossas” para o Mercado da Pedra.

as plantas. Aqui perto não tem mais quase nada... Tem gente que vai até Mata de São João, mais longe ainda, prá pegar planta no mato. (Dona A., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

O trabalho de obtenção das folhas “grossas” envolve, portanto, a constante atividade de identificação de (novas) áreas de ocorrência das plantas, e o conhecimento da diversidade de espécies locais, na medida em que, para o mateiro, é vantajoso que a área de coleta apresente uma diversidade que justifique, e recompense, o árduo deslocamento realizado. Ao final de uma jornada de trabalho de coleta é desejável que o mateiro retorne para sua casa com uma quantidade razoável de plantas, com expressiva diversidade de espécies, visando à satisfação de sua clientela de compradores e, conseqüentemente, sua própria satisfação quanto ao rendimento que poderá obter ao final da negociação no mercado.

A aprendizagem é um processo familiar, oral e presencial: aprende-se acompanhando os pais, ou vizinhos, nas atividades de extração, de transporte, de separação e, por fim, de venda. As mateiras levam junto os filhos para que ajudem e para que aprendam.

A gente vai pegando o que vai encontrando que a gente conhece, né? Enquanto o marido vai tirando [as folhas] aqui, eu vou tirando ali, os meninos também... vão aprendendo também (M.C., mateira, de Simões Filho, entrevista, 2014).

O ofício vai sendo, assim, aprendido e transmitido por sucessivas gerações. A jovem A., mateira de Simões Filho, explica que na sua família ela é a terceira geração de mulheres mateiras, tendo aprendido tudo com a sua mãe e com sua avó, pela observação, pela prática e pelo conhecimento oral. Aprendia enquanto ajudava a mãe a coletar e a amarrar os molhos em casa, quando traziam as folhas do mato. Depois, aos treze anos de idade, começou a vir sozinha para a feira, para vender suas próprias folhas no Mercado da Pedra. Evidencia-se, na fala de A., o caráter predominantemente feminino da atividade tanto quanto a continuidade geracional das mulheres nesta profissão.

Hoje tô com 16 anos [...] Aprendi a identificar os tipos [espécies] de folhas com minha mãe e minha vó, que agora está bem velhinha, nem vem mais à feira. Mas minha mãe vem, minhas vizinhas e minhas tias também vêm. (A., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

A grande variedade de folhas comercializadas levanta sempre a questão do processo de aquisição de conhecimento sobre elas, ficando evidente haver o domínio coletivo de um saber aplicado às folhas, que envolve a identificação das espécies (os nomes populares) e o seu uso (para que servem, a aplicação comum), ainda que a prescrição não faça parte do

trabalho cotidiano (as pessoas já vêm comprar as folhas sabendo, previamente, que folhas querem).

A aprendizagem envolve dimensões diversas, que correspondem aos processos diferenciados da atividade produtiva, que podem ser considerados a partir de três momentos:

– a etapa da produção, em que é preciso (i) conhecer as áreas de extração das folhas; (ii) saber reconhecer, no mato, aquelas plantas que têm valor no mercado para coletá-las; (iii) conhecer o processo correto de extração de cada uma (as plantas devem ser colhidas de forma a não inviabilizar a capacidade produtiva das áreas, cada vez mais restritas frente à expansão urbana); (iv) saber lidar com a logística de transporte para o mercado, desde as formas corretas de separação e de armazenamento adequado (arrumação dos fardos de folhas) até o conhecimento de horários e linhas de ônibus que aceitem levar os fardos e, ainda, as atividades de descarregar, na chegada;

– a etapa da comercialização, que envolve negociação e conhecimento dos processos organizativos e das atividades no mercado mediante venda direta ao consumidor;

– a etapa posterior de cobrança e de recebimento das compras, já que alguns fregueses fazem pagamento *a posteriori*, sendo necessário o deslocamento dos mateiros para áreas diferentes da cidade, nos locais de revenda destes fregueses.

Assim, para cada uma das mateiras estar na feira vendendo as folhas grossas que coletou um dia antes e que transportou do mercado devidamente organizadas, é preciso que detenha um conhecimento acumulado sobre cada planta, o que envolve as etapas anteriores, da busca por elas no mato, bem como as relativas à venda: valor de cada espécie, nomes pelos quais são conhecidas (algumas folhas são chamadas por mais de um nome e os vendedores precisam saber traduzir as solicitações dos clientes), quantidade específica de cada uma que é separada por molho, o uso tradicional que se faz delas (para que servem), só para citar alguns dos conhecimentos necessários ao desempenho da função. O processo de aprendizagem sobre esses conhecimentos é sobretudo oral e pragmático, ocorre no transcorrer do cotidiano associado à atividade produtiva. São também, na maior parte das vezes, familiares, seja dentro da família consanguínea nuclear ou da família extensa: aprende-se com a mãe, a tia, a avó, a vizinha ou com quem as crianças e adolescentes passam a acompanhar, sempre em presença, participando ativamente do trabalho, seja no processo de comercialização, na Pedra, seja anteriormente, no processo de extração, no mato.

Apesar de não ser possível afirmar que essas pessoas constituem membros de comunidades tradicionais no exato sentido do termo, as informações necessárias para que possam praticar este trabalho são obtidas, sim, a partir das experiências comunitárias e

familiares, *loci* do aprendizado. Resultam também da relação de proximidade étnica com os grupos que utilizam tais plantas, já que organizam sua produção (oferta) a partir das demandas de consumo do mercado por determinadas (e não por outras) plantas, o que significa um diálogo claro com as tradições religiosas ou curativas que impulsionam o uso. E, ainda, podem ser pensadas também como resultantes de adaptações históricas ao ambiente em que vivem ao longo do tempo, já que é dele que tiram seus sustentos<sup>6</sup>. Tais ambientes podem ainda estar situados proximamente, isto é, nas vizinhanças, ou mesmo estar espacialmente mais distantes, apesar do domínio simbólico se manter, já que, com o crescimento urbano e o processo crescente de devastação das áreas verdes do entorno, é preciso que estes mateiros e mateiras desenvolvam contínuas adaptações, indo buscar/extrair as folhas que vendem no mercado em novas zonas de mato.

Em termos legais, a partir do que estabelece a Lei 13.123 de 20/05/2015 (BRASIL, 2015), é possível compreender o conhecimento sobre a biodiversidade (ou patrimônio genético – PG) envolvido neste processo como um conhecimento tradicional associado (CTA) de origem não identificável, categoria definida como “o CTA em que não há a possibilidade de vincular a sua origem a, pelo menos, uma população indígena, comunidade tradicional ou agricultor tradicional” (BRASIL, 2015), já que não há, no caso das mateiras, uma unidade étnica que reúna as coletoras/vendedoras de folhas, correspondendo mais à situação descrita por Santilli:

Ocorrem também com frequência as situações em que o acesso ao PG e/ou CTA se dá através de feiras, mercados etc. Em tais situações, pode ser muito difícil para o usuário de tais conhecimentos (amplamente compartilhados ou difusos) identificar os titulares de direito sobre os mesmos [...] (SANTILLI, 2015, p. 38).

Ressalta-se haver grandes diferenças entre estes grupos de coletores de folhas e os povos e comunidades tradicionais<sup>7</sup> propriamente ditos – compreendidos, aqui, enquanto grupos cujos processos, práticas e atividades tradicionais relacionados ao uso de espécies e de outros recursos do ambiente dependem do modo de vida dessas comunidades, que está ligado

<sup>6</sup> Esta dimensão de sustento a partir do trabalho com as folhas no Mercado da Pedra é recorrente, e são muitas as mateiras que expressam conteúdos semelhantes à fala de Dona S., quando afirmou, por exemplo, que criou os “filhos tudo na feira, sempre na feira, trabalhando no Mercado Modelo, o da Rampa, depois em Água de Meninos...” (Dona S., mateira, entrevista, 2015).

<sup>7</sup> O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, no inciso I do seu artigo 3º, compreende Povos e Comunidades Tradicionais como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)>. Acesso em 12 dezembro de 2015.

à floresta (o que não se aplica ao caso aqui estudado) e, sobretudo, como grupos que se reconhecem como culturalmente diferenciados (o que também não ocorre com os mateiros do Mercado da Pedra). Ressalvadas tais distinções e demarcada, ainda, uma diferença primordial em relação ao território que utilizam para a coleta das folhas – pois se trata, no que se refere aos coletores de folhas, quase sempre de território alheio, de outrem, que não deles próprios –, alguns elementos assemelham-se, sobretudo quanto à transmissão do conhecimento por meio da tradição oral.

A Tradição Oral é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se contando e ouvindo histórias. [...].

Nas culturas tradicionais africanas, a própria vida vivente era considerada também um processo contínuo de educação. [...]

A memória das antigas sociedades africanas se apoiava na transmissão continuada de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que reservaram, entre outros, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra. (MACHADO, 2006, p. 78 e 80).

Entre os mateiros coletores de folha, o conhecimento sobre as ervas passa de geração a geração, sendo transmitido dos mais velhos para os mais novos, e a transmissão desses saberes é oral e feita em presença, como já explicado anteriormente. Este acervo simbólico e pragmático faz parte do modo de vida das comunidades em que se inserem os mateiros, integrando o seu acervo cultural, ainda que apenas algumas pessoas da comunidade (determinados mateiros) detenham as informações e sejam capazes de as ensinar. No geral, a coleta das folhas no mato possibilita o conhecimento sobre a variedade de espécies disponíveis nas proximidades e a convivência social na feira é que viabiliza o aprendizado sobre outras espécies de folhas, levadas ao mercado por mateiros de outras localidades. A amplitude das informações sobre as folhas, seus nomes, seus usos e mesmo a capacidade de identificação de cada uma delas só ocorre, portanto, socialmente no mercado das folhas, que também é um espaço de aprendizagem. Munanga (2005) afirma ser necessário o reconhecimento de que valores civilizatórios de origem africana devem ser vistos a partir da sua possibilidade pedagógica de construção de conhecimento.

Há, nas falas e nos depoimentos das mateiras, uma constante referência à transmissão oral e presencial deste conhecimento, com menção a alguém da família como transmissor. Assim como se referem, com frequência, ao caráter presencial, o aprendizado dando-se pela observação dos “antigos”, dos “que sabem das coisas”, remetendo, portanto, a um passado de referência comunitária (os pais, os anteriores, os mais velhos, os de um tempo que passou).

Com quem aprendi? Com quem aprendi? Ôxe... fui aprendendo com os antigos, né? Fui vendo e aprendendo... (D., mateira de Simões Filho, entrevista, 2014).

Portanto, nas entrevistas, muitas vezes a aprendizagem direta, pela presença, aparece como o caminho pedagógico: aprendeu vendo, estando ao lado, observando, ouvindo, ajudando a colher ou a vender. Novamente reforça-se, aqui, o caráter feminino da atividade, com a maior parte se reportando à mãe, à tia, à avó ou a outra mulher como vetor do saber.

Aprendi com minha mãe. Vinha com ela, aí fui vendo, fui aprendendo a conhecer qual era a planta e prá que servia, né. Hoje minha mãe não vende mais folha não. Ela vende palha de banana, daquelas que passa no fogo, sapecada, prá fazer acaçá, abará, essas coisas, mas é lá dentro, na Feira mesmo. (H., mateira de Mapele, entrevista, 2014).

A jovem P., de Mapele, conta que, quando começou nesta atividade, acompanhava sua mãe nas vindas à Feira e, na atualidade, é ela própria quem colhe e traz as folhas para vender, já de maneira autônoma. Este caráter familiar do aprendizado relacionado às folhas é evidente e recorrentemente relatado pelas pessoas envolvidas. Desta forma, tanto ela quanto a sua irmã C., também mateira, aprenderam o ofício com a mãe, a quem ajudavam na coleta, na arrumação e na venda das folhas grossas, colhidas no mato e vendidas na Pedra. Atualmente a mãe trabalha menos, não vem todos os dias à feira, mas, por outro lado, o ofício está sendo transmitido para as gerações seguintes, como demonstrou o seguinte episódio:

C. trouxe hoje a sua bebê (cerca de 12 meses de idade) junto com ela ao trabalho. A menininha ficou sozinha sentada junto às folhas da mãe (que havia se afastado um pouco para buscar folhas junto a outras mateiras mais adiante), quando subitamente começou a gritar porque o mateiro que estava ao lado pegou dois molhos das mercadorias da mãe dela, que estavam expostas no chão junto à bebê. A reação de todos aos gritos da bebê avisando que outrem pegara as folhas da mãe foi de muita risada e aprovação, impressionados pela esperteza da garota ao distinguir quais folhas eram dela e por saber gritar, avisando. O mateiro que pegou as folhas também aprova, dizendo para a bebê: “– Tá certa, muito bem, tá falando assim ‘mãe, o homem tá roubando suas folhas!’” A atitude da menininha é um sucesso, a mãe retorna e também ri da filha, a pega no colo e depois se senta no chão duro de pedra, sobre as próprias sandálias, mantendo a garota, abraçada, no colo. Fica evidente que é de muito cedo que se aprende na Pedra. (Fragmento do caderno de campo, 2015).

Uma característica do Mercado da Pedra é a constante presença de crianças, meninos e meninas da família consanguínea (filhos, irmãos, sobrinhos e netos) dos mateiros ou por afinidade (afilhados e vizinhos) que os acompanham no negócio. São todos negros, afro-descendentes. E todos participam ativamente dos processos produtivos: trabalham, portanto,

ao tempo em que aprendem, sobretudo com os parentes, que acumulam, por sua vez, um conhecimento que herdaram dos anteriores, dos antepassados da família extensa.

A família negro-africana típica em sociedades agrárias, conhecida pela denominação de família extensa, é constituída por um grande número de pessoas ligadas pelo parentesco. Nas sociedades de organização matrilinear, [...] o parentesco formula-se pelos laços uterinos de sangue, razão pela qual a mulher é a única fonte de legitimação das descendências. Elas constituem, assim, o núcleo fundamental que define a família, sendo que em suas bases encontram-se as ancestrais-mulheres que lhes deram origem. (LEITE, 1995-96, p. 111).

Os motivos para acordarem tão cedo para vir à Feira de São Joaquim acompanhando sobretudo suas mães, irmãs, tias ou avós nas atividades de negócio, são muitos. “Não têm com quem ficar em casa” é o motivo mais recorrente. Há mesmo o hábito de trazê-los desde que são bem pequenos. “Estão acostumados” e “eles gostam” são as alegações mais usuais quando o tema é abordado. No entanto, na observação da pesquisa de campo, ficou claro também que outros aspectos justificam a presença das crianças na Pedra: elas conhecem as folhas e suas utilidades, costumam mesmo ajudar na sua coleta ou extração, nas redondezas dos locais onde moram e, assim, participam também como produtores e como vendedores. E, muito provavelmente, as mães, por intuição, sabem que ao vivenciar, embora informalmente, as experiências na Pedra, as crianças aprendem.

Dona A. hoje trouxe suas netas, duas garotas de 8, 9 anos, que estão atentas à movimentação dos fregueses diante das folhas espalhadas à sua frente. Mais tarde, na hora da boia, Dona A. usou os casacos das netas para improvisar uma amarração de pequenos fardos de folhas vendidas, pedindo às meninas que fossem entregá-los aos barraqueiros no interior do Galpão. (Fragmento do caderno de campo, 2014).

Desta maneira, se na cena do Mercado da Pedra a presença feminina se impõe, soberana, logo também chama a atenção o fato de que muitas mulheres precisam levar seus filhos nessa jornada de trabalho, porque não têm com quem deixá-los em casa, nem existe infraestrutura pública de assistência social nos lugares onde moram (creches, pré-escolas etc.). As crianças ficam perto de suas mães – ou avós, ou tias, ou vizinhas –, às vezes se envolvem na atividade de venda, de arrumação das folhas ou de separação de molhos menores. Algumas conhecem bem as folhas e atuam no mercado com pertinência, vendendo, organizando as anotações, fazendo as contas e dando os trocos. Quando estão em número maior, na mesma família, no geral os maiores também cuidam dos menores. Até mesmo um recém-nascido esteve no Mercado da Pedra durante o período da pesquisa de campo, amamentado, eventualmente, pela mãe, ao lado de quem permanecia, sendo cuidado e carregado por sua

irmã, também criança. Em geral, todos participam, ajudando de alguma maneira a atividade da família, demonstrando estar familiarizados com o ambiente, as pessoas, as atividades.

Neste sentido, reforça-se, assim, o ponto de vista de Pereira (2007), segundo o qual existem vários ambientes de aprendizado. As características peculiares dessas comunidades afro-brasileiras de mateiros indicam que tanto a atividade extrativista no mato quanto a experiência mercantil na Pedra tornam-se ocasiões pedagógicas, em que contextos orais e informais adquirem dimensões educativas. Colocam, assim, a aprendizagem num patamar de processo cultural mais amplo, que não se restringe à dimensão exclusivamente intelectual. Para Gonçalves e Silva (2004, p.101),

Educação refere-se ao processo de ‘construir a própria vida’ que se desenvolve em relação entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais, com a intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimentos, comunicar experiências. Na perspectiva africana, a construção da vida própria tem sentido no seio de uma comunidade, e visa não apenas o avançar de cada um individualmente. O crescimento das pessoas tem sentido quando representa fortalecimento para a comunidade a que pertencem.

As crianças aprendem inseridas na sua comunidade observando e imitando os mais velhos, que transmitem, no cotidiano, a tradição acumulada, o etnoconhecimento, as práticas corriqueiras do trabalho, destacando-se, desta maneira, a oralidade e a ancestralidade como fundamentos de tal pedagogia.

Bourdieu (2006), ao entrevistar o poeta argelino Mouloud Mammeri, discute as bases sociais, os usos e o sentido da poesia oral na sociedade cabila, afirmando o mercado como o lugar central dos processos comunicativos daquela comunidade africana. Analisa, então, a transmissão do conhecimento como resultante de dois processos: um informal, espontâneo, que ocorre na esfera pública das assembleias, dos mercados; e outro formal, iniciático, fundado na relação mestre-aprendiz. É o próprio poeta argelino quem assinala o papel socializador do mercado:

Quando eu era criança, meu pai me levava sistematicamente aos mercados, pois eles são locais de encontro privilegiados. (...) Havia uma espécie de formação no local de trabalho, uma formação difusa e, ao mesmo tempo, consciente. [...]

O aprendizado era pela prática. Não era um aprendizado abstrato. Era preciso agir também segundo certo número de preceitos, de valores [...]. (BOURDIEU, 2006, p.63).

Na Pedra, o conhecimento sobre as folhas vai sendo reforçado e reafirmado a todo momento, já que, ao atender algum freguês ou a despachar algum pedido, é preciso certificar-se se está entregando a folha certa, sendo comum checar as informações com os adultos a

quem acompanham. Por exemplo, o sobrinho de Dona M., acompanhando a tia na Pedra, participava separando ramos de uma folha, anunciada por ela como tançagem<sup>8</sup>. Ao separar a quantidade de folhas, perguntava: “– Minha tia, molho é isso aqui, né?” e mostrava o feixe de folhas que acabara de fazer. “– Bota mais, menino!”, ela repreende. E ele replica: “– Mas naquele dia foi um tanto assim...”. Paciente, ela explica: “– Não, meu filho! Olhe aqui (mostra, colocando mais ramos de folhas), é maior, tá vendo?”.

Era muito comum que as crianças se encarregassem, como dito, das anotações do negócio, fossem as relativas a encomendas, fossem as de venda a fiado, para recebimento posterior. As cadernetas eram assim preenchidas, por meninos e meninas, em letras caprichosas que registravam nomes de fregueses e de folhas, com as quantidades a serem trazidas ou os valores devidos, o que sugere que as crianças talvez dominassem melhor a escrita do que os adultos, já que estes são, na grande maioria, analfabetos.

A participação das crianças garante, assim, aprendizado de aspectos fundamentais para a atividade do produtor (coletor) e de vendedor das folhas. O conhecimento sobre as plantas e seus usos e aplicações religiosas ou medicinais é assegurado por processos orais de transmissão, e a ida ao mercado reforça tais processos, garantindo também a aprendizagem das relações sociais relacionados ao comércio. Em outras palavras: as crianças reforçam, na dinâmica da feira, o saber que vai sendo construído quando participam das atividades de coleta de folhas no mato, uma vez que na feira têm contato com plantas colhidas e trazidas por outros vendedores (diferentemente, por exemplo, das que são encontradas nas áreas em que suas famílias coletam), mas também desenvolvem suas habilidades comerciais, lidando com a diversificada freguesia, com a matemática dos pagamentos e dos trocos, com os outros agentes que atuam neste mercado e desvendando, assim, as nuances e os detalhes das relações sociais, econômicas e políticas do Mercado da Pedra, do qual dependem seus familiares. Aprendem, portanto.

Quando se compara a vida social observada no Mercado da Pedra aos estudos etnográficos sobre mercados e feiras africanos, feitos por Pierre Verger e Roger Bastide no Benim, em 1952 (VERGER, 1992), podem ser estabelecidas muitas aproximações<sup>9</sup>. Ao ilustrar e analisar a grande complexidade sociocultural dos mercados africanos, Verger e Bastide afirmam haver um entrosamento, nos contextos das feiras africanas, entre o

<sup>8</sup> Tançagem é o nome popular da planta *Plantago major*, de largo uso medicinal.

<sup>9</sup> Segundo Oliveira e Oliveira (2007, p. 74), “a influência mítica e epistemológica das tradições africanas se evidencia de forma particular na Bahia e interfere na interpretação do mundo e da vida de muitas pessoas, intermediando a relação com o corpo, a natureza e os homens”.

comportamento econômico, voltado ao lucro, e o comportamento comunitário, de afirmação de relações tradicionais, ancestrais:

O que nos interessa, de qualquer forma, é ser a feira uma instituição capaz de, ao mesmo tempo, permitir o comportamento do tipo “capitalista” e de “procura do lucro”, e estar profundamente enraizada no comportamento tradicional, comunitário, que, ao contrário de contradizer o primeiro, contribui para sua consolidação. (VERGER, 1992, p. 145).

Neste mesmo estudo de Verger e Bastide, outros elementos evidenciam aproximações sociais e culturais entre os mercados africanos do século XIX e o mercado das folhas na Feira de São Joaquim, em pleno século XXI. Apesar das diferenças de tempo, lugar, estrutura social e contexto histórico-econômico, os dois mercados se assemelham, por exemplo, no que se refere também à marcante presença feminina nas atividades de comércio na feira. Discutindo a função social de comunicação e de contato que as feiras nãgôs desempenhavam naquelas sociedades (Baixo-Benim), Verger e Bastide comentam a presença destacada das mulheres, que iam sem seus maridos vender as coisas que produziam:

Mas a feira, por outro lado, separa os membros da família. Pois todas as mulheres são “comerciantes” e deixam seus lares, principalmente quando jovens, para percorrer as feiras e, quando idosas, mandam alguma filha em seu lugar [...]. E assim o corte entre os sexos se traduz por uma dinâmica ecológica na qual a mulher, vendedora, é móvel e percorre as quatro feiras da rede tradicional, e o homem, produtor, é sedentário e trabalha no campo. A mulher, ao vender a produção da fazenda, não está trabalhando para o marido, pois só compra sua colheita para revendê-la na feira e guardar para si o lucro. (VERGER, 1992, p. 138-139).

Assim, apesar das grandes diferenças contextuais, socioculturais e históricas entre as duas sociedades e realidades sociais, a forte presença de mulheres negras no mercado de folhas da Pedra faz lembrar os mercados africanos. Além disso, tal como as africanas, as mulheres mateiras da Bahia também trabalham no mercado sem seus cônjuges, desacompanhadas de maridos ou companheiros, e desempenham, autonomamente, as funções comerciais de negociação, venda e cobrança, contando apenas com suas redes de relações e de parentesco como suporte, e, muitas vezes, ainda têm a tarefa adicional de trazer consigo os filhos pequenos, evidentemente por não terem com quem deixá-los. Mas trazem consigo também as crianças mais crescidas e os adolescentes, para que aprendam sobre as folhas e sobre o mundo particular deste trabalho. Essa condição de independência e autonomia, por outro lado, é anterior mesmo ao momento das vendas no mercado. A maior parte das mateiras, que extraem folhas “grossas” no “mato”, o fazem sozinhas, ou apenas acompanhadas por outras mulheres, também mateiras (amigas, vizinhas, parentes – filhos e

netos) e são elas próprias que conduzem o processo produtivo o tempo todo, bem como o processo educativo, reforçando, na oralidade e na prática, todos os âmbitos desta aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Diálogo sobre a Poesia Oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu. **Sociologia Política**, Curitiba, 26, pp. 61-81, junho 2006.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Regulamenta o inciso II do § 4º do art. 225 da Constituição Brasileira, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica [...]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 maio, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES, Luiz A. O.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, n 18-19 (1): 103-118, 1995/1996. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962/78528>>. Acesso em 14/09/2016.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em [http://209.177.156.169/libreria\\_cm/archivos/pdf\\_257.pdf](http://209.177.156.169/libreria_cm/archivos/pdf_257.pdf) . Acesso em 02/08/2017.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**. Número 18: maio-outubro/2012. Brasília: UnB. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7029/5554>. Acesso em 12/07/2017.

OLIVEIRA, Marília; OLIVEIRA, Orlando. **Na trilha do caboclo**. Vitória da Conquista: UESB, 2007

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTILLI, Juliana. Biodiversidade e Conhecimentos Tradicionais Associados: o Novo Regime Jurídico de Proteção. **Revista do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios**, Brasília, n. 9, p. 21-73, 2015. Disponível em

<<https://www.mpdft.mp.br/revistas/index.php/revistas/article/viewFile/186/221>> Acesso em 12 novembro de 2016.

SATO, Leny. **Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**. n. 19, Edição Especial 1:, 95-102, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea13.pdf>. Acesso em 13/12/2015.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VERGER, Pierre; BASTIDE, Roger. Contribuição ao estudo dos mercados nagôs do Baixo Benin. In: VERGER, Pierre. **Artigos**. São Paulo: Corrupio, 1992. p. 122-159.

### SOBRE OS AUTORES

#### **Orlando José Ribeiro de Oliveira**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DFCH/UESB). Grupo de pesquisa: Cultura, Ambiente e Sociedade: Linguagem e Design Social CASLIDS (CNPq/UESB). E-mail: [ojro.furioso@gmail.com](mailto:ojro.furioso@gmail.com)

#### **Marília Flores Seixas de Oliveira**

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem (PPGLCEL/UESB) e do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DFCH/UESB). Grupo de pesquisa: Cultura, Ambiente e Sociedade: Linguagem e Design Social CASLIDS (CNPq/UESB). E-mail: [marilia.flores.seixas@gmail.com](mailto:marilia.flores.seixas@gmail.com)

Recebido em: 16 de agosto de 2017  
Aprovado em: 08 de agosto de 2018